

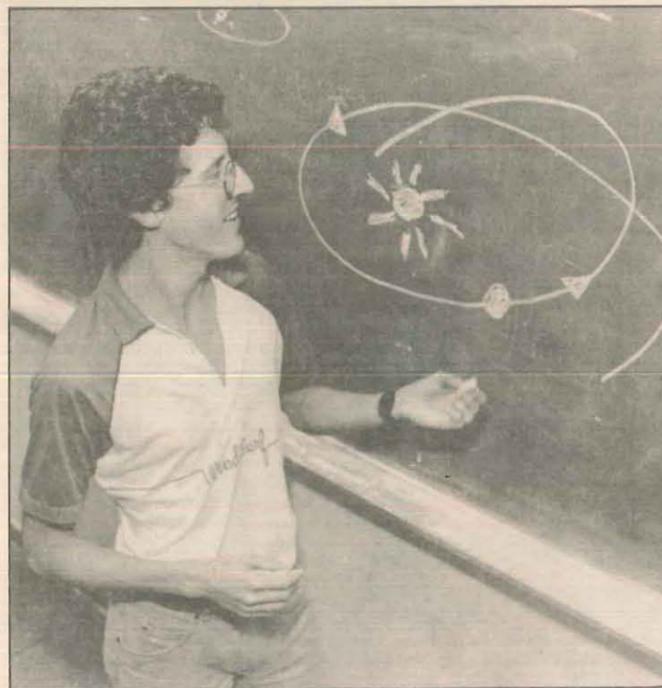
A médica Silvia Uliana, da USP: agora, com mais tempo para se dedicar às pesquisas



Marcelo Mendler/AE

ciplina", lembra. E não se arrepende da sua decisão. "Quando chego a um resultado na minha pesquisa a sensação é indescritível", conta. Além da pesquisa, Luiz Nunes afirma gostar do contato diário com os estudantes da graduação. "Os estudantes são muito entusiasmados e isso acaba renovando o ânimo do professor", assegura.

A atividade docente também agrada a André Assis, de 28 anos, professor-assistente doutor desde 1989 no Departamento de Raios Cósmicos do Instituto de Física da Unicamp. "O contato com estudantes é enriquecedor", afirma. André tem uma definição do bom professor: "É aquele que faz com que seus alunos o superem". Para seus orientandos, entretanto, essa não será uma tarefa fácil. Apesar da pouca idade, André é considerado uma das maiores revelações da Física. Há dois anos, ele propôs alterações à segunda lei da mecânica e à lei da gravitação universal, edificadas pelo inglês Isaac Newton em 1687.



Marcelo Mendler/AE

Assis: "O bom professor é o que faz com que seus alunos o superem"

Ao longo dos anos, vários cientistas contestaram ou tentaram esclarecer as Leis de Newton, o que foi executado por André. Com a publicação da sua descoberta em revistas internacionais, ele passou a ser considerado um dos melhores da área. Hoje, continua com suas pesquisas, dá aulas e é o responsável pela orientação de trabalhos de iniciação científica e de projetos de pós-graduação no mestrado.

Mas há gente que faz o caminho contrário. Pedro Luiz Côrtes, de 30 anos, é formado em Geologia pela USP e desenvolveu pesquisas durante a graduação. Logo que se formou, foi trabalhar em uma empresa voltada para a tecnologia da mineração e gostou da experiência. "O trabalho em empresa é mais dinâmico", garante. Atualmente, faz mestrado na Escola Politécnica apenas para ter uma especialização, pois não pretende continuar na universidade. Seus colegas de curso, Otto W. Rommel Almeida, 27 anos e

formado em Geologia, e Maria Antonieta R. de Freitas, de 25 anos e graduada em Geografia, ainda não se decidiram se continuam na carreira acadêmica. "Vou fazer aquilo que der mais dinheiro", garante Otto. Antonieta diz que depois do mestrado fará doutorado. "A universidade dá oportunidades para desenvolvermos pesquisa e proporciona um contato com pessoas de todas as áreas, o que é difícil na iniciativa privada", afirma. "Pensando bem, quero mesmo continuar na universidade."

Pesquisa universitária não precisa ter aplicação imediata, como na indústria

A recompensa do mestre

Quanto ganham os professores nas principais universidades

Empresa paga mais